

Palestra sobre o dia Pan-Americano, em 14 de Abril de 1956, no Instituto Brasil-Estados Unidos

MURILLO T. BARROS — Ten. Cel.

Minhas Senhoras,
Meus Senhores.

A data de hoje é intensamente grata aos povos americanos, por lembrar, nos dias tranquilos que ocorrem, os elevados princípios da democracia, as lições de liberdade e tolerância, e o culto à justiça, que equilibra os direitos e deveres do indivíduo.

Sob o ponto de vista histórico, o Continente Americano foi a terra escolhida pelos "deuses" para realizar a fraternidade de todos os povos e a união de todas as raças.

Muito antes da descoberta de Cristóvão Colombo, em época que é difícil precisar, povos mongólicos atravessaram o gelado estreito de Behring, em busca de paragens mais amenas e mais favoráveis à vida humana.

E pelo Pacífico, os ousados navegantes da Papuásia atingiram a costa ocidental do Continente Americano, mesclando-se com os habitantes da terra.

As afinidades de características raciais, mostradas pela Antropologia, a semelhança de muitos termos linguísticos e a diversidade dos graus de civilização, além de comprovar essa imigração, nos conduzem à conclusão de que as descobertas de Colombo, Cabral, Pinzon e outros, valeram pela confraternização da Ásia com a Europa em terras americanas.

Apesar da influência civilizadora dos brancos colonizadores, a América incutiu, em toda a parte, um espírito próprio, um modo de compreender diferente e uma noção de vida que podemos dizer sui generis.

O espírito puritano do inglês conservador foi deformado pelo ambiente da Nova-Inglaterra, adquirindo, inicialmente, um anseio de autonomia, de igualdade e de liberdade que, mais tarde, nas divergências com a Metrópole, iriam se transformar em um forte sentimento republicano.

Jefferson, Washington, Franklin e Hamilton foram expressões legítimas do modo de sentir de uma coletividade.

Já nos domínios de Espanha, a influência do espírito americano iria diferenciar profundamente o argentino, o mexicano, o chileno e outros do espanhol arrogante e fanfarrão.

O orgulho do espanhol conquistador, dividindo a população em castas, a ponto de fazer diferença entre o espanhol de nascimento e o filho do espanhol nascido na América, os fatores geográficos de isolamento e a enorme distância dos centros culturais europeus, criaram uma mentalidade diversa da do norte-americano. E as guerras da independência se revestiram do nítido caráter de uma luta de raças, tal o ódio que moveu os contendores.

Repetiu-se então o mesmo erro da Grécia clássica: um exagerado amor à liberdade conduz os povos aos sangrentos conflitos fratricidas.

E tivemos a época do caudilhismo sul-americano, com a rotina de revoluções periódicas, agravando cada uma delas os males existentes e criando outros.

A evolução já aboliu semelhante método político e hoje são raros os pronunciamientos militares.

No Brasil, a influência do espírito americano foi ainda maior que nos países da América Espanhola.

Os nossos indígenas não tinham um grau superior de civilização como os Incas, os Aztecas e os Mayas. E nem possuíam o ardor guerreiro dos Peles Vermelhas. Eram pacatos, hospitaleiros e desconfiados.

Apresentando apenas alguns traços de estabilidade, o que acentua muito o grau muito primitivo de vida, o indígena brasileiro, entretanto iria contribuir com as melhores influências para a formação do caráter nacional.

Inteligentes, ousados e de grande resistência física, o índio, com a sua riqueza de imaginação e com a singular propriedade de denominar plantas e lugares, iria transmitir aos seus descendentes caboclos os elementos que constituem a rocha viva da nacionalidade brasileira.

As belas lendas indígenas contêm o que há de melhor no folk-lore nacional.

A Independência do Brasil, ou dizendo melhor, a separação do Brasil de Portugal, conservando a Monarquia, não nos aproximou de nenhum país europeu. Nem teve nenhuma influência a imitação de nossas "cartas políticas" dos povos que tomamos para modelo.

O prisma do velho espírito americano deformava essas influências e incutiu, mais do que em qualquer outro país da América, a verdadeira fraternidade das raças e absoluta igualdade de direitos.

Entretanto podemos assinalar nos três grupamentos tão diversos, não só pelas diferenças do elemento colonizador, como pela diversidade dos fatores geográficos, econômicos, políticos e sociais, como também pelos diversos graus da cultura nativista, que o espírito americano realizou o milagre de suprimir as arestas agudas de diferenciação, soldar os pontos de aparentes divergências, e realizar uma adaptação no modo de compreender a vida coletiva.

Já podemos dizer que a América, em matéria de política internacional, tornou-se mestra da Europa.

A Conferência de Haya não evitou a tremenda conflagração 1914-1918. E nem a Liga das Nações teve forças para evitar a conflagração ainda maior de 1939-1945. E um terrível ponto de interrogação paira em cima da O.N.U.. E o que vemos é uma paz convencional à sombra dos armamentos ameaçadores, da diplomacia intrigante e das ofensivas de paz que significam recompletamento de efetivos e aperfeiçoamento de diabólicos engenhos bélicos. E tudo isso sucede na Europa, que ainda se arroga no direito de deter o facho da civilização.

Os Congressos dos países americanos mais parecem com Conselhos de Família que com uma reunião de diplomatas que traçam os rumos da política continental. povos irmãos, fazem uma melhor ajustagem de pontos de vista e dissipam as dúvidas realizam uma maior aproximação de vidas e prevenções.

Na América, a segurança não quer dizer aumento de poder militar e sim a união de todas as nações deste continente. E a compreensão da época em que vivemos, criou para as nações americanas as mesmas obrigações morais e espirituais impondo uma solução harmoniosa e equitativa para a solução dos problemas econômicos, sem emprêgo da força ou de ameaças.

O velho espírito americano unindo os povos deste continente, em torno do ideal de liberdade e tolerância, já apresenta um saldo eloquente de sberbas realizações. É o imortal Jefferson definindo os princípios da democracia, cujo alcance estamos agora percebendo; é Washington conduzindo os primeiros passos da República Americana; é Caxias vencendo os algozes da liberdade nos países vizinhos do Brasil; é Lincoln fazendo a profissão de fé da democracia na imortal oração de Guttysburg; é José San Martín — o glorioso libertador da Argentina, Chile e Perú, exilando-se voluntariamente para não participar de lutas fratricidas; é a libertação da América Espanhola reunindo tropas de todos os países sul-americanos; é Domingos Sarmiento colocando seu país nos moldes constitucionais; é Rio-Branco dando soluções jurídicas às nossas questões de fronteira; é o Brasil dando os pioneiros da Aviação; são os juriconsultos brasileiros Clovis Bevilacqua e Teixeira de Freitas influenciando os Códigos Civis da Argentina, Chile e Uruguay; é Walter Reed, discípulo de Fleming, saneando Cuba; é Oswaldo Cruz prosseguindo nos estudos de Reed para sanear o Rio de Janeiro e a região Madeira-Mamoré; é Gorgas imitando o grande higienista brasileiro para sanear a região do Canal do Panamá, tornando possível a abertura de um canal que tanto orgulha a engenharia mundial; e finalmente é Delano Roosevelt — o grande cidadão do Continente Americano, infatigável defensor da liberdade e o verdadeiro criador da política de maior aproximação entre as nações americanas.

E nesta data de confraternização americana, protestamos solidariedade aos princípios da democracia e proclamamos

que a América é uma terra de liberdade e tolerância, onde "o direito é o igual dividido pelo igual"...

Tenho dito.

MURILLO TEIXEIRA BARROS —
Vice-Presidente do Centro Cultural Euclides da Cunha. — Ten.Cel.